

RESUMOS

SIMPÓSIO OUSIA 2015

A FILOSOFIA E OS GÊNEROS DISCURSIVOS

	26/10	27/10
9h-9h45	Inscrições	Pre-Socráticos / Sócrates Raisa Inocêncio Luan Reborêdo Guilherme Celestino
9h45-11h	Abertura Tatiana Ribeiro Henrique Cairus Fernando Santoro	Sofistas Carlos Lemos Lúcio L. Masafferri Carolina Moreira
11h-12h30	Aristóteles I Francisco de Moraes Márcio Paixão	Mitos - Platão Luca Pitteloud Izabela Aquino Bocayuva
14h -16h	Comédia Sylvia Giocanti Maria da Graça Augusto Fernando Santoro	Mitos - Latinidade Anida Hasic Hélène Casanova-Robin Marcos Martinho
16h30 - 18h	Aristóteles II Carla Francalanci Fernando Rodrigues	Tragédia Beatriz De Paoli E. Jouet Pastré

Local : Sala Celso Lemos,
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ
Largo de São Francisco, n.1 Centro

PROGRAMA

PALESTRAS

Beatriz de Paoli (UFRJ)

Título: O discurso profético de Cassandra em *Agamêmnon* de Ésquilo

No quarto episódio da tragédia *Agamêmnon*, a profetisa Cassandra denuncia o iminente assassinio do rei conquistador de Troia às mãos de sua esposa Clitemnestra e do amante desta, Egisto. O Coro de anciãos argivos, seu principal interlocutor nessa longa cena, tem dificuldade de compreender os prenúncios da adivinha castigada por Apolo com a perda do poder de persuasão e considera suas palavras tão difíceis quanto às do oráculo pítio. Ver-se-á, portanto, como, transitando entre as mais intrincadas metáforas e as mais claras afirmações, constrói-se o discurso profético de Cassandra.

Carla Francalanci

Considerações sobre o « paradigma » em Aristóteles

Carlos de Almeida Lemos

Título da palestra: A Discursividade Sofística

Resumo: Partindo da unidade trinitária (*ser, pensar, dizer*) de Parmênides, que no seu poema sobre a natureza usa gêneros do discurso (revelativo, cognitivo, épico) para mostrar ao jovem o caminho do ser, Antístenes de Atenas se defronta com Platão e será combatido por Aristóteles na defesa do movimento sofista de suas críticas avassaladoras. Para fazê-lo assume três teses: é impossível a contradição, dizer o falso, definir a essência. Com isso ele tentou reconciliar o gênero retórico com a filosofia.

Emmanuelle Jouet-Pastré

Repenser la tragédie avec Platon

Francisco de Moraes (PPGF/UFRJ-PPGFIL/UFRRJ)

É preciso ver o fim: Elogio e censura na *Ética Nicomaquéia* de Aristóteles

Sendo a finalidade última da investigação ética não simplesmente conhecer o bem em si mesmo, mas tornar-se bom (EN, II, 2, 1103b 26), pretendemos mostrar que desempenha papel de destaque nesse tipo de pesquisa o gênero de discurso epidíctico, caracterizado por Aristóteles em sua *Retórica* (1366 a 23). Mais ainda, como, para o estagirita, não é possível o conhecimento da ideia de bem, o referido gênero discursivo desempenha um papel decisivo na delimitação e recomendação do modo de ser mais apropriado para o homem. Ver de que maneira elogio e censura funcionam, estrategicamente, como formas de prescrição e de interdição na Ética de Aristóteles será o objetivo da presente comunicação.

Hélène Casanova-Robin – U. de Paris IV - Sorbonne

Vis materiai. La poétique du vivant dans le chant II du *De rerum natura* » de Lucrece.

Izabela Aquino Bocayuva (UERJ)

Título: Algumas considerações acerca do uso do mito na obra de Platão

Resumo: Pretendo mostrar que na obra de Platão é imprescindível o uso do mito. Na verdade, ele estava mais próximo dos mitos do que se costuma considerar, muito embora tenha criticado seu uso tradicional nos livros II e III da República, bem como na famosa passagem do livro X em que ocorreria a expulsão dos poetas da República ideal. Platão usa os mitos e as imagens muitas vezes especulativamente como veremos. Mito e dialética precisam entrelaçar-se para que seja possível abarcar todos os problemas caros à filosofia platônica.

Luca Pitteloud

UFABC / UFRJ (PDJ CNPq)

Eikos logos-eikos mythos no *Timeu* de Platão

O objetivo desta apresentação é relacionar o estatuto do discurso do *Timeu*, apresentado como uma história plausível (sendo um *mythos* e um *logos*) e a problemática da questão do limite de um conhecimento cosmológico. Se, para Platão, o conhecimento refere-se ao inteligível e as opiniões ao sensível, parece que um discurso sobre o *cosmos* será situado ao nível das opiniões. No entanto, Platão insiste que um tal discurso, embora imperfeito e sujeito a uma revisão, é o melhor que um ser humano pode oferecer. Como tal, eu gostaria de examinar algumas das limitações que o discurso cosmológico proposto por Platão implica principalmente em relação com os conceitos de temporalidade, de criacionismo e a questão da existência das Formas inteligíveis.

Marcos Martinho (Universidade de São Paulo)

A prática mitográfica de Fulgêncio

O objeto da minha pesquisa é a arte hermenêutica que Fulgêncio aplica à interpretação dos mitos gregos nas Mitologias. Nestas, cada mito é narrado, e os elementos da narração, tidos por fabulosos, são explicados à luz da filosofia, como receptáculos de verdades morais e também naturais. De fato, Fulgêncio adverte de que sob a mentira dos mitos gregos reside a verdade; pois, posto de lado o imaginário mentiroso dos mitos gregos, pode-se conhecer a medula mística que reside nestes; de maneira que é possível aprender com os mitos gregos, desde que indaguemos do sentido oculto deles e ponhamos à vista as sinuosidades fugidias deles.

Assim, Fulgêncio encontra um expediente hermenêutico, graças ao qual obtém harmonizar a falsidade dos mitos gregos com a verdade, e assim pode justificar a leitura daqueles praticada no âmbito da disciplina cristã. Aquela verdade, porém, não é propriamente cristã, mas filosófica.

Na minha pesquisa, investigo os expedientes hermenêuticos de que Fulgêncio se vale na explicação dos mitos e, daí, a verdade filosófica que descobre sob estes.

Márcio Paixão

A Especificidade do discurso ético em Aristóteles - Uma análise de Ética a Nicômacos 1094a, 11-13

Propomos uma leitura possível do passo de 1094a, 11-13, da Ética a Nicômacos, no qual Aristóteles nos diz que a exposição (sobre os temas da ética e da política) "será satisfatória se apresentada tão claramente quanto a coisa mesma (τὴν ὑποκειμένην ὕλην) o admite. Pois não devemos buscar a mesma precisão em todos os discursos (τὸ γὰρ ἀκριβὲς οὐχ ὁμοίως ἐν ἅπασιν τοῖς λόγοις). Esse passo é tradicionalmente recebido como a expressão maior com que Aristóteles determina a estrutura ou o caráter próprio do discurso ético. Tentaremos mostrar, na leitura de passagens determinadas da Ética a Nicômacos, como o texto aristotélico sustenta essa caracterização do discurso ético como um discurso estruturalmente impreciso

Maria das Graças de Moraes Augusto (UFRJ)

Sylvia Giocanti (Un. de Toulouse)

Título: La mise en scène comique de la philosophie dans Les Nouveaux dialogues des morts de Fontenelle (1683)

Resumo: Je tenterai de montrer comment le dispositif dialogique est utilisé par Fontenelle pour "philosopher vraiment, tout en se moquant de la philosophie"

(pour paraphraser Pascal, qui lui-même s'inspire de Montaigne). Je m'appuierai notamment sur le dialogue entre Platon et Marguerite d'Ecosse, et celui entre le troisième faux Démitrius et Descartes.

COMUNICAÇÕES

Anida Hasic (Doutoranda Un. Paris IV – Sorbonne)

La *securitas* chez Sénèque : une tentative d'articulation entre éthique et poétique

Résumé

La communication vise à montrer comment la poétique de l'incertitude se situe, malgré des apparences paradoxales, dans la continuité d'une éthique de la *securitas*. En fait dans l'oeuvre philosophique de Sénèque l'une des conditions fondamentales vers l'atteinte du bonheur prévu par l'éthique de la *securitas* est l'*innocentia*, l'absence du mal accompli. Quand on commet des crimes, la punition est déjà dans l'acte même, c'est à dire dans notre conscience. Et une conscience qui se connaît criminelle n'aura jamais une stabilité intérieure. Par conséquence le mal agi et vécu par les protagonistes des tragédies sénèqueiennes semble déterminer une poétique de l'incertain, caractérisée par la présence du doute à un niveau thématique et stylistique, ce qui fait que les personnages et les lecteurs sont confrontés à une dimension d'hésitation et de désorientation psychologique. Le discours poétique de la tragédie nous apparaît donc complémentaire au discours philosophique et on peut concevoir la tragédie comme un commentaire de l'oeuvre philosophique.

Carolina Moreira Torres

Título: "Sobre a possibilidade de Pensar e dizer com verdade - uma leitura do diálogo *O Sofista* de Platão"

Resumo: Ao contrapor-se aos Sofistas e reivindicar para si a herança de Parmênides, privilegiando a tese de que é possível pensar e dizer com verdade, Platão precisa provar a existência do não-ente e a possibilidade do engano. Somente face a existência do não-ente é possível distinguir discursos verdadeiros dos falsos. Para Platão, a verdade é qualidade apenas dos discursos capazes de dizer algo tal qual é, e não de qualquer discurso, como defendiam os sofistas, para os quais o não-ente e a falsidade eram de todo inexistentes.

Por privilegiar a busca pela verdade, em detrimento da exigência parmenídea de que apenas o ente é e pode ser enunciado, Platão precisa reformular o método parmenídeo, abandonando a interdição quanto a investigação do não-ente, e desenvolver um caminho que reabilite o discurso a falar de todas as articulações possíveis que se manifestam no âmbito sensível, sem que isso o leve a afastar-se da verdade.

Através da busca por fundamentar a existência do não-ente, inspirada pela necessidade de distinguir discursos verdadeiros dos falsos, Platão nos conduz a reflexões a respeito da arte do sofista, da filosofia, e até mesmo da arte divina.

Palavras-chave:

Platão; sofística; filosofia; *lógos*; verdade; falsidade.

Guilherme Celestino

Heráclito e a filosofia da guerra na antiguidade

Resumo: Como pensar a Guerra? A filosofia desde a antiguidade tenta dar respostas a isso. Retomaremos aqui o pensamento de Heráclito que compreende a guerra desde o “lógos”, princípio da realidade de harmonização das forças contrárias. Heráclito é conhecido pela sua ideia de que não se entra duas vezes no mesmo rio, entendendo que nunca algo poderia continuar sendo o mesmo porque tudo está em constante mutação. Dessa compreensão, encontramos a razão de se atribuir a Heráclito a paternidade pela escola “mobilista” que afirmava que “tudo é movimento” ou “tudo flui” (*panta rhei*). E talvez não por acaso em alguns fragmentos da sua filosofia que chegaram até nós ele apresenta esse princípio dinâmico de articulação da realidade como sendo “guerra” (*pólemos*), algo que fica explícito no famoso fragmento 53: “De todos a guerra é pai, de todos é rei; uns indica deuses, outros homens, de uns faz escravos, de outros livres.” Em Heráclito encontramos oportunidade de se pensar um papel ontológico para a guerra, articulado ao sentido político e militar usual.

Lucio Massafferri Salles (doutorando/ PPGF-UFRJ)

Orientador: Professor Doutor Fernando Santoro (PPGF-UFRJ)

Oralidade e escrita no agôn entre Alcidas e Isócrates.

Penso que Górgias ensinava valendo-se da oralidade e da escrita também para preparar seus discípulos em ambas as modalidades de linguagem, sem que da sua parte isso significasse um descuido na transmissão de outros saberes. Entretanto, mesmo com uma perspectiva teórica ampla, a partilha da herança dos seus conhecimentos ficou marcada por uma curiosa disputa que envolveu manifestos agonísticos trocados por dois dos seus mais conhecidos discípulos. De um lado, sucedendo-o à frente de uma escola em Atenas e recepcionando a sua técnica poética de improvisação oral (*autoskediastikê*) como norte de uma prática sofística a qual se subordinava o ensino da filosofia e da retórica, se encontrava Alcidas de Eléia, a quem Platão, no Fedro, disfarçou sob a alcunha de “Palamedes Eleático”, como sugeriu Quintiliano (Instituto Oratória. III. 1; 8-10). Do outro lado encontrava-se Isócrates, o discípulo de Górgias que

sempre evitou a oratória pública e cuja migração da logografia forense para a chefia de uma escola de filosofia formadora de pensadores-escritores chegou a ser dramatizada, ao final do Fedro, com uma enigmática e humorada saudação. Minha comunicação é uma leitura de algumas passagens do Sobre os Sofistas, que Alcidas provavelmente redigiu em razão da abertura da escola de Isócrates, observando o posicionamento de Isócrates, no seu Contra os Sofistas, que é onde ele responde a determinados itens da categoria que lhe fora endereçada por Alcidas.

Palavras-chave: Escrita; Oralidade; Sofística; Alcidas de Eléia; Isócrates.

Raisa Inocência

Título : O Eros filosófico em Platão e sua iniciação ao Amor pela Sabedoria com o discurso de Diotima-Sócrates.

Resumo : Apresentaremos nesta comunicação os gêneros discursivos em Platão no elogio ao discurso filosófico amoroso do diálogo *Banquete*. Quais são as motivações que levam Platão a constituir um enredo filosófico amoroso? Dada as suas motivações, qual é a natureza do Eros filosófico e quais são suas implicações, no âmbito educativo e político na cultura?

O *Banquete* é um diálogo que narra a celebração da vitória do poeta Agatão em um concurso de tragédias. Depois das comemorações em público, se reúnem para um jantar seis dos mais ilustres cidadãos de Atenas. “Modelos” de excelência em cada arte, são eles Fedro e Pausanias oradores e retóricos conhecidos, Erixímaco, médico, Aristófanes, poeta cômico, Agatão, já mencionado vencedor do concurso e Sócrates, que em sua récita indiretamente narra o discurso de uma sacerdotisa chamada Diotima de Mantinéia. Ao final temos uma intervenção dramática do apaixonado Alcebiades. A hipótese inicial é que Platão constrói neste diálogo uma caminhada ascensional de iniciação ao amor pela sabedoria, ou seja, em direção ao conhecimento do Eros filosófico, que se dá no discurso de Sócrates-Diotima.